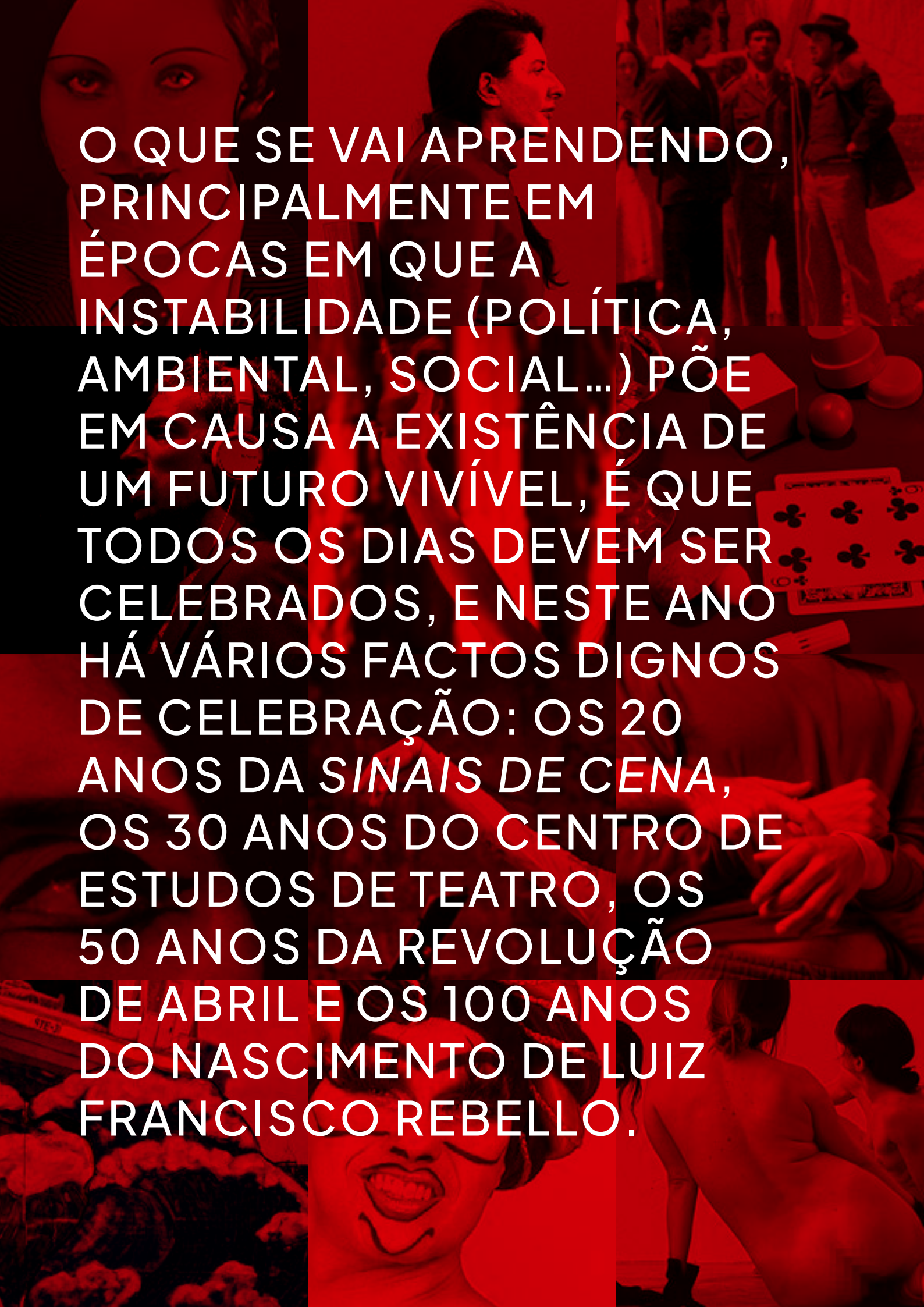


EDITORIAL

SINAIS DE CENA III.3

SINAIS DE CENA
SÉRIE III NÚMERO 3
NOVEMBRO DE 2024

MARTA BRITES ROSA



O QUE SE VAI APRENDENDO,
PRINCIPALMENTE EM
ÉPOCAS EM QUE A
INSTABILIDADE (POLÍTICA,
AMBIENTAL, SOCIAL...) PÕE
EM CAUSA A EXISTÊNCIA DE
UM FUTURO VIVÍVEL, É QUE
TODOS OS DIAS DEVEM SER
CELEBRADOS, E NESTE ANO
HÁ VÁRIOS FACTOS DIGNOS
DE CELEBRAÇÃO: OS 20
ANOS DA *SINAIS DE CENA*,
OS 30 ANOS DO CENTRO DE
ESTUDOS DE TEATRO, OS
50 ANOS DA REVOLUÇÃO
DE ABRIL E OS 100 ANOS
DO NASCIMENTO DE LUIZ
FRANCISCO REBELLO.

1. Desde 2004, ao longo de 20 anos, a *Sinais de Cena* acompanhou a atividade teatral: o espaço ocupado na sociedade, as dificuldades que atravessou e como progrediu.

Nos últimos anos, resultado de uma série de problemas prementes (como as alterações climáticas, a ascensão da extrema-direita, as desigualdades de género, o racismo, as migrações...), o teatro tem sido usado como plataforma de discussão e de alerta, assistindo-se a uma grande recuperação do lugar por ele ocupado na sociedade portuguesa.

Ao abordar as últimas duas décadas, é imprescindível mencionar dois grandes desafios. Um deles foi a pandemia de COVID-19, que impôs severas restrições à produção teatral, obrigando muitas companhias a encontrar novas formas de se apresentar e manter a ligação com o público. Outro foram as crises económicas, tanto nacionais quanto internacionais, que resultaram em momentos de falta de investimento na área, afetando a sustentabilidade do setor e agravando a fragilidade dos trabalhadores das artes do espetáculo, que perseverantemente lutam por uma situação profissional mais segura.

Consolidaram-se algumas companhias vindas do vicénio anterior, outras, infelizmente, viram terminar os seus dias ou enfrentam situações de inexplicável precariedade. Alguns grandes nomes do teatro não se encontram já entre nós, em contrapartida, o surgimento de novos criadores trouxe para o teatro português novos temas, novas formas de fazer, novas abordagens e vários motivos para celebração.

De todas estas e outras alterações, movimentações, evoluções foi testemunha e parceira a *Sinais de Cena* e os seus autores, espelhando nos textos uma realidade vívida e vivida do mundo teatral.

2. Luiz Francisco Rebello (1924-2011) foi um dos fundadores da *Sinais de Cena*, juntamente com Carlos Porto (1930-2008), Paulo Eduardo Carvalho (1964-2010) e Maria Helena Serôdio (n. 1948). A sua vida e o teatro interligam-se a vários níveis: como crítico, investigador, autor, encenador, tradutor. A estas facetas junta-se a sua formação em Direito, que lhe permitiu defender o enquadramento legal do teatro e dos autores, contribuindo para o reconhecimento e a profissionalização de artistas.

Para a *Sinais de Cena* escreveu 16 artigos, entre 2004 e 2010, sendo os dois primeiros, nos dois números iniciais, sobre a imprensa de teatro em Portugal, contextualizando o aparecimento da revista no panorama português. Fez recensões críticas de diversas publicações e escreveu sobre temas e momentos do teatro português. Enquanto lutador pela liberdade, contra a censura e o Estado Novo, alguns dos seus artigos refletem exatamente essa mesma preocupação. Em “‘É verdade. Mas...’: duas proposições sobre a censura”^[1] e “Vozes silenciosas, vozes silenciadas”^[2], recorda o período repressivo do Estado Novo, no qual a censura teve um papel castrador na evolução do teatro nacional e na criatividade dos artistas. Luiz Francisco Rebello viu o seu nome banido da imprensa, “silenciado”, sendo os espetáculos baseados em textos da sua autoria referidos como de “autor anónimo”, além de ter tido peças proibidas de levar à cena, como relata, entre outros aspetos, o artigo de Maria Helena Serôdio “Luiz Francisco Rebello e a censura: diálogos com a História”^[3]. Este é um dos quatro artigos que evocam postumamente o crítico, ensaísta, dramaturgo, historiador de teatro e colaborador da *Sinais*

[1] <https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/12519/9627>.

[2] <https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/12715/9814>.

[3] <https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/17141/17946>.



LUIZ FRANCISCO REBELLO, 1955. [F] OLAVO D'EÇA LEAL.

de *Cena* e a sua contribuição para o teatro português. Maria Helena Serôdio, num outro artigo, “Luiz Francisco Rebello: o escândalo da clareza”^[4], elenca algumas das suas contribuições mais marcantes: a integração no Teatro-Estúdio do Salitre, onde fez as primeiras experimentações do teatro modernista português; a passagem pela direção do Teatro Municipal São Luiz em 1971 (onde viu um dos espetáculos programados ser censurado antes da estreia); a constituição da Sociedade Portuguesa de Autores, na qual teve um papel incontornável; os vários volumes que redigiu sobre a história do teatro português, além do grande número de ensaios e peças que escreveu ao longo da vida.

Christine Zurbach, em “A tradução de teatro segundo Luiz Francisco Rebello”^[5], reflete sobre a atividade tradutória, feita essencialmente em parceria e proximidade com coletivos artísticos, dando maior relevo à tradução de *Measure for measure* de William Shakespeare, que Rebello traduziu livremente, defendendo a necessidade de aproximação ao público, que considerava a “outra metade dum autor dramático”.

De referir ainda o elogio merecido de Sebastiana Fadda, “O fulgor duma inteligência apaixonada: imagens da dramaturgia de Luiz Francisco Rebello”^[6], que nos apresenta uma bibliografia comentada do autor e um retrato inspirador. Alguma dessa bibliografia, nomeadamente *Teatro romântico português: o drama histórico*^[7], *O passado na minha frente*^[8] e *Três espelhos: uma visão panorâmica do teatro*

[4] <https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/12914/9960>.

[5] <https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/13034/10034>.

[6] <https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/12911/9957>.

[7] <https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/12611>.

[8] <https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/12439>.

português do liberalismo à ditadura (1820-1926)^[9], é objeto de apurada atenção na secção Leituras.

Porque é difícil falar de teatro em Portugal sem recorrer aos muitos estudos de Luiz Francisco Rebello, outros textos da revista *Sinais de Cena* evocam o seu nome, tal como o de Guilherme Filipe, que lhe dedica o artigo “Quando as revistas eram do ano”^[10], sobre a revista teatral *Lisboa em 1850*, da autoria de Francisco Palha e Latino Coelho, adivinhando o prazer que teria sentido o autor de *História do teatro de revista em Portugal* se tivesse tido conhecimento do guião da primeira revista portuguesa, então encontrado e analisado.

3. O Dossiê Temático, sob a coordenação de Maria João Brilhante, é dedicado a **Arquivos e artes performativas: memória, transmissão e criação** e conta com cinco artigos e um editorial da coordenadora, onde se aponta a forma como cada um dos artigos contribui para demonstrar a importância dos arquivos teatrais na recuperação da memória e construção da história do teatro.

Nos **Estudos Aplicados**, Nicola D’Andrea debruça-se sobre o ensino do teatro na escola e os benefícios de atividades dramáticas para a aprendizagem, e Miguel Nigro questiona as dimensões de performatividade/teatralidade nos espetáculos de ilusionismo.

No **Portefólio**, Paula Gomes Magalhães e Filipe Figueiredo apresentam imagens dos espetáculos do TEC – Teatro Experimental de Cascais, numa justa homenagem a esta companhia com imagens de espetáculos desde 1965 a 2024.

[9] <https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/12786>.

[10] <https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/12982/9987>.

Sara Barros Leitão, numa entrevista dirigida por Marta Brites Rosa e Sandra Mateus na secção **Na Primeira Pessoa**, expõe as suas experiências, concepções e reflexões sobre a prática teatral.

Na secção **Passos em Volta**, oferece-se uma visão de vários eventos, nacionais e internacionais, como o Festival FIMFA (Catarina Firmo), o Festival de Avignon (Alexandra Moreira da Silva) e ainda o Prin-temps des Comédiens Festival (Massimo Milella), entre outros espetáculos em território nacional, como *O filho*, do Teatro Aberto (Bruno Schiappa), e *A Rainha da Beleza de Leenane*, encenado por Sandra Faleiro (Emília Costa). Do outro lado do Atlântico, Marcondes Lima reflete sobre o espetáculo *Azira'i*, criação de Denise Stutz, Duda Rios e Zahy Tentehar.

Na secção **Leituras**, retomam-se os temas do Portefólio, através da leitura de Andresa Fresta Marques do livro *Fazer sonhar: Teatro Experimental de Cascais 1965-2023*, de José Pedro Sousa, e do Dossiê Temático, através da análise de Laura Rozas Letelier de *Práticas de arquivo nas artes performativas*, coordenado por Cláudia Madeira, Fernando Matos Oliveira e Hélia Marçal.

Maria João Brilhante apresenta o primeiro volume da coleção *Atriz e ator artistas*, de João Brites e Teatro O Bando, sobre “conceito de representação associado à consciência da expressão”; Bruno Schiappa passa em revista *The Methuen drama handbook of gender and theatre*, uma incursão transversal no tempo e no espaço sobre a questão de género; e Gustavo Vicente fala-nos de *Theatre and its audiences: reimagining the relationship in times of crisis*, de Kate Craddock e Helen Freshwater, sobre “o efeito da pandemia na relação entre a prática teatral e o público”.

+++

